



ESTÉTICA, NARRATIVA E RESISTÊNCIA CULTURAL NA ANIMAÇÃO CONTEMPORÂNEA: UMA ANÁLISE DA SÉRIE FORÇA-QUEER

Marcos Paulo Nunes Ricioli¹

¹Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, Brasil
(ricioli@alunos.utfpr.edu.br)

Resumo: Este trabalho analisa a estética *camp* na série animada *Força-Queer* (Netflix, 2021), investigando como o exagero, a ironia e a caricatura operam com resistência *queer*. Ancorado na teoria da representação (Hall, 2016), na poética *queer* (Alós, 2010) e na performatividade de gênero (Butler, 2003), o estudo demonstra que o *camp* atua simultaneamente como crítica à heteronormatividade e como tecnologia de pertencimento para sujeitos LGBTQIAPN+.

Palavras-chave: Estética *camp*; Animação *queer*; Representação; Resistência cultural; LGBTQIAPN+.

INTRODUÇÃO

As representações LGBTQIAPN+ no audiovisual contemporâneo configuram-se como espaços de disputa simbólica e política, nos quais identidades são construídas, negociadas e hierarquizadas. Conforme Stuart Hall (2016), a mídia atua como um sistema ativo de produção de sentidos, capaz tanto de naturalizar quanto de tensionar normas sociais relacionadas ao gênero e à sexualidade.

Nesse cenário, a animação destaca-se como linguagem privilegiada para a crítica cultural, pois sua artificialidade, exagero e plasticidade visual tornam visível o caráter construído das identidades, aproximando-a da estética *camp*, entendida por Sontag (1987) como sensibilidade orientada ao artifício, à teatralidade e ao excesso. Ao se constituir como animação digital mediada por plataformas de streaming, essa forma expressiva opera também como tecnologia de linguagem e de circulação simbólica,



ampliando a difusão de estéticas dissidentes e reconfigurando as dinâmicas contemporâneas de produção, mediação e recepção cultural.

Quando apropriado por perspectivas *queer*, o *camp* ultrapassa o campo do estilo e adquire dimensão política. Conforme Alós (2010), essa estética opera como estratégia de desnaturalização das normas hegemônicas, mobilizando a ironia e a caricatura para expor o caráter arbitrário dos estereótipos de gênero e sexualidade.

É nesse contexto que se insere a série animada *Força-Queer* (Netflix, 2021), que utiliza o exagero e o humor como recursos centrais de sua narrativa. Ao deslocar sujeitos LGBTQIAPN+ para o centro de um gênero tradicionalmente marcado pela heteronormatividade, a série converte signos de marginalização em ferramentas de crítica e pertencimento. Assim, este trabalho tem como objetivo analisar de que modo a estética *camp* opera em *Força-Queer* como linguagem de resistência *queer* e tecnologia de reconhecimento afetivo no audiovisual contemporâneo.

MATERIAL E MÉTODOS

Este estudo adota uma abordagem qualitativa de natureza interpretativa, ancorada na análise crítica de produtos audiovisuais. A investigação parte do entendimento de que as obras midiáticas operam como práticas discursivas e estéticas que produzem sentidos sobre identidades, corpos e normas sociais.

O corpus da pesquisa é composto pela primeira temporada da série animada *Força-Queer* (Netflix, 2021). A análise concentra-se na observação crítica da construção narrativa, da caracterização dos personagens e das estratégias estéticas mobilizadas pela série, com especial atenção à estética *camp* enquanto linguagem política e cultural.

Metodologicamente, o estudo articula aportes da teoria da representação (Hall, 2016), da poética *queer* (Alós, 2010) e da performatividade de gênero (Butler, 2003), compreendendo o *camp* como tecnologia discursiva capaz de tensionar e desnaturalizar normas heteronormativas. A análise não busca a exaustividade formal dos elementos fílmicos, mas a interpretação crítica dos modos pelos quais o exagero, a ironia e a caricatura operam como estratégias de resistência e pertencimento no audiovisual animado.



RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise de *Força-Queer* evidencia que a estética *camp* constitui o eixo central de sua política de representação. O exagero, a ironia e a caricatura são mobilizados não apenas como recursos humorísticos, mas como estratégias discursivas capazes de tensionar normas de gênero e sexualidade naturalizadas no audiovisual.

A série apropria-se deliberadamente de estereótipos LGBTQIAPN+, levando-os ao excesso para expor seu caráter construído. Essa operação, longe de reafirmá-los de forma acrítica, evidencia o mecanismo de fixação simbólica descrito por Hall (2016), abrindo espaço para sua ressignificação. A performatividade do gênero torna-se visível quando os personagens encenam identidades que assumem sua artificialidade, em consonância com Butler (2003).

Paralelamente, observa-se a inversão dos regimes de valor simbólico: figuras associadas à masculinidade hegemônica são representadas de modo caricato, enquanto personagens dissidentes ocupam posições centrais na narrativa. Trata-se de uma operação *camp* que, conforme Alós (2010), desestabiliza hierarquias culturais ao ironizar a seriedade normativa e converter o excesso em potência crítica.

Além da dimensão crítico-desconstrutiva, os resultados indicam que o *camp* opera como tecnologia de pertencimento afetivo. O humor e a caricatura funcionam como códigos de reconhecimento compartilhado, permitindo que sujeitos LGBTQIAPN+ identifiquem experiências de dissidência e convertam signos historicamente associados à marginalização em elementos de afirmação identitária.

Dessa forma, *Força-Queer* mobiliza a estética *camp* como linguagem política que articula crítica e afeto, consolidando a animação como espaço privilegiado para a produção de sentidos alternativos sobre gênero, sexualidade e pertencimento no audiovisual contemporâneo.

CONCLUSÃO

A análise desenvolvida permite concluir que a estética *camp*, tal como mobilizada em *Força-Queer*, opera como uma linguagem política de resistência no audiovisual contemporâneo. Ao recorrer ao exagero, à ironia e à caricatura, a série desnaturaliza



normas de gênero e sexualidade, expondo o caráter construído das representações hegemônicas.

Além de sua dimensão crítico-desconstrutiva, o *camp* atua como tecnologia de pertencimento afetivo, ao oferecer ao público LGBTQIAPN+ repertórios simbólicos de reconhecimento e identificação. O humor e o excesso convertem signos historicamente associados à marginalização em elementos de afirmação identitária e comunitária.

Dessa forma, *Força-Queer* evidencia o potencial da animação como espaço privilegiado para a produção de sentidos alternativos, nos quais a resistência política e o afeto coletivo se articulam. O estudo contribui para compreender como estratégias estéticas dissidentes podem ampliar os modos de representação e pertencimento no campo do audiovisual.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à professora Carol Mandaji e à UTFPR pelo apoio e auxílio no desenvolvimento deste trabalho.

REFERÊNCIAS

ALÓS, Anselmo. Poética `: literatura, gênero e dissidência sexual. Florianópolis: Editora da UFSC, 2010.

BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

HALL, Stuart. Cultura e representação. Rio de Janeiro: PUC-Rio: Apicuri, 2016.

NETFLIX. Força-Queer (Q-Force). 1ª temporada. Direção: Gabe Liedman. Produção: Mike Schur; Sean Hayes; Todd Milliner. Estados Unidos: Netflix, 2021. Série animada (streaming).



SONTAG, Susan. Notas sobre o “*Camp*”. In: SONTAG, Susan. *Contra a interpretação*.
São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 275–292.